

2ª aula - Bibliografia complementar

Pasta Nº

54

Nº de Fis

62 Nº Artigo

02

Aldo Vannucchi

FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

4ª edição, 2004

Capítulo 2:

Planos do saber humano



Eles se enfeixam em três grandes categorias: papéis psicossomáticos, papéis psicodramáticos e papéis sociais. O exercício de papéis leva à estratificação de hábitos, opiniões, atitudes e até mesmo a produzir regulamentos e leis. A esse conjunto sedimentado, Moreno deu o sugestivo nome de "conservas culturais". Para o homem poder evoluir, importa devolver-lhe a espontaneidade, libertando-o das "conservas culturais". Só assim ele se tornará criador.

Vê-se, em suma, que a Sociometria pode iluminar potentemente aquilo que parece ser meras abstrações filosóficas: a originalidade do indivíduo humano, a irrepetibilidade da pessoa, a incoercibilidade do Ser no homem.

Sabe-se ademais que em Sociometria são indispensáveis os inquéritos, para melhor configurar os sociogramas, representação gráfica do "átomo social", formado das repulsas e atrações do grupo. Ora, responder ou não a inquérito já é uma atitude ética. E, por outro lado, a análise dos dados sociométricos leva necessariamente ao conhecimento da estrutura íntima do grupo e do nível de integração dos seus diversos membros, bem como ao problema das relações existentes entre conhecer e agir, problema filosófico enfocado, por exemplo, por Kant (razão teórica-razão prática) e Marx (questão da práxis).

Por estas brevíssimas anotações, é fácil concluir que o filósofo, respigando nessa rica seara psicossocial, poderá atualizar vivamente a sua problemática e enriquecer sobremaneira a sua reflexão.

2

PLANOS DO SABER HUMANO

Dado que o real se apresenta extremamente complexo, com níveis e estruturas diferentes em sua própria constituição, não se pode perceber o sentido e o alcance das Ciências Humanas e muito menos os seus fundamentos filosóficos, sem antes elucidar os distintos planos do saber humano em geral.

Quando dizemos saber alguma coisa? O modo como conhecemos o tempo e o modo como o conhece um meteorologista seriam a mesma coisa? Podemos dizer que um filósofo sabe mais que um cientista? Não é verdade que sobre uma mesma realidade — o homem, por exemplo — pode haver vários tipos de conhecimento, de diferentes níveis? Se não se precisa mais que o bom senso e a experiência para sabê-lo mortal, o domínio de sua ascendência biológica já não é tão comum e muito mais rara ainda a capacidade de perscrutar o sentido de sua existência livre e responsável.

Precisamos, pois, caracterizar claramente os níveis do saber humano, não para artificialmente separá-los, mas para integrá-los organicamente. Partimos do mais generalizado, o saber vulgar, superficial, empírico, mais ou menos comum a toda sorte de pessoa, do qual se desprenderão posteriormente os caminhos de cientistas e filósofos.

SABER COMUM

O homem é um ser que está no mundo. Admira-o, utiliza-o, questiona-o. Dessa experiência de estar-no-mundo — realidade e exigência da vida cotidiana, em todos os tempos, para todos os homens —,

brota um conjunto de conhecimentos do homem a respeito de si próprio, como do ambiente que o cerca: os outros homens, os outros seres, a natureza. Tal soma de conhecimentos basta à mera sobrevivência humana, embora não possibilite explicar o porquê das coisas assim captadas. É mais memória e associação do que propriamente especulação intelectual. Assim, por exemplo, as noções do homem do campo sobre o tempo; a sabença contida nos provérbios; as receitas caseiras tanto de ordem culinária como de objetivo terapêutico; as tradições populares etc.

Pelo exposto se vê que esse saber vulgar ou senso comum provém, primariamente, da experiência sensível. Pela janela aberta dos sentidos colhemos o mundo todo. Quantas vezes falamos a respeito de alguém: Ah! sim, conheço-o de vista. Ou então: Verdade, já ouvi falar dele. Compreendemos perfeitamente de que se trata quando nos contam que alguém cheirou logo os lucros que teria em dado negócio. E que significa *apalpar* senão conhecer pelo tato? Enfim, convém lembrar que, etimologicamente, "saber" se liga a paladar (sabor), derivado que é de "sáperé", cujo primeiro sentido é "ter sabor", "ter gosto para".

Outra fonte do saber comum situa-se na experiência existencial. Viver é responder instintivamente a constantes desafios como a fome, o calor, o frio, a chuva, o cansaço, o trabalho, o impulso sexual, o amor, a doença, a solidão, a morte. Nessa luta diária, acertando e errando, muita coisa aprendemos.

Também de investigações pessoais nasce o saber empírico. Como animal curioso, todo homem busca espontaneamente esclarecer-se sobre realidades que o cercam, ajuntando assim razoável bagagem de conhecimentos e experiências.

Enfim, cumpre ressaltar a transmissão cultural. A pessoa humana, como ser social, recebe pela linguagem inúmeras noções das gerações anteriores, do meio em que vive, das tradições al mantidas, do folclore do país, da religião que professa etc.

Evidentemente, o saber comum — repertório de interpretações provocadas mais pela aparência das coisas do que pela verdade do real — é imperfeito, impreciso, errôneo às vezes, assistemático sempre. Mas mesmo assim constitui saber válido e indispensável. Todas as ciências desenvolveram-se a partir de noções comezinhas, tais como as coisas e as

suas qualidades, a situação das pessoas no espaço e no tempo, as causas e as consequências dos fatos etc., embora esse saber informe raramente se coadune hoje com as exigências da civilização tecnológica. Em sua ingênua metafísica, o saber ordinário inclui um núcleo de afirmações de fundamental importância, tanto de evidência sensível (ex.: Os corpos são extensos em comprimento, altura e largura; o todo é maior que a parte; tudo o que acontece tem uma causa...) como de evidência existencial (ex.: Ninguém fica para semente; não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe; água mole em pedra dura tanto dá até que fura...). E com essa bagagem o homem comum cresce e sobrevive, como o nosso Érico Veríssimo bem o demonstra nas *Aventuras de Tibiciera*. Enquanto, em 1621, Dudley, na Inglaterra, inventa o forno de ferro, Tibiciera só conhecia o forno de barro; enquanto, em 1643, Torricelli inventa o barômetro, o nosso patricio apenas cuidava dos cavalos de Nassau, só conhecendo dois barômetros: os burros e seus cabelos (dele, herói), pois, quando os primeiros se espojam no chão e os segundos se eriçam, certamente vai chover...

SABER CIENTÍFICO

O saber científico — ou simplesmente Ciência — é o conjunto de conhecimentos obtidos por método rigoroso e coerentemente sistematizado. A própria palavra "episteme", com que os gregos designavam tal saber, indicava um conhecimento fundamentado, caminho para a verdade e não à simples opinião. Visa estabelecer afirmações válidas para todos os casos, em todos os tempos e lugares. Seu objetivo não é o particular e o contingente, mas o universal e necessário. Exemplo: a lei científica da dilatação dos corpos reza que qualquer calor, em qualquer tempo e em qualquer lugar, dilata os corpos.

Por isso, Ciência é pesquisa e linguagem, ou seja, encerra tanto uma atividade questionante, constatadora e explicativa, de laboratório ou de campo, passada ou presente, como também a condensação da pesquisa numa expressão articulada do objeto em estudo.

Só é científico o conhecimento objetivo e estruturado metodicamente num todo coerente. Fala-se assim em método científico como o

"caminho para" (etimologia de "método") se atingir a verdade dos fatos, ou, mais descritivamente, o conjunto de operações que completam o ciclo pesquisa-linguagem: observação rigorosa, coleta de dados, formulação de hipóteses, tentativas de obtenção de modelos, submissão do modelo a testes críticos, comprovação dos resultados obtidos e sua comunicação por meio de uma lei ou teoria que insira o objeto da investigação num contexto mais amplo.

Tudo poderá recomençar desde o momento em que um cientista se aplique em refutar esses resultados, formulando novas hipóteses, porque Ciência é dinamismo e inquietude de reconstrução constante e melhor. "Não é chegada à costa desejada, mas tempestuosa navegação para ela" (Ortega y Gasset, *Qué es Filosofía*). Ou, como escreveu Dewey, "Ciência é procura e não conquista do inutável" (*Reconstrução em Filosofía*, 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959, p. 26). Na órbita das ciências, os grandes inovadores são os primeiros a duvidar de suas descobertas. A refutabilidade credencia a ciência autêntica, pois é tateando, em progresso contínuo e em contínua reformulação, que se constrói o edifício científico. Nele o erro figura mais do que como acidente psicológico. Entra como parte integrante. Granger chega, com razão, a paradoxalmente definir o saber científico como o conhecimento errôneo! (*Pensée Formelle et Sciences de l'Homme*, Paris, Aubier, 1960, p. 9).

Mas donde provém, em última análise, o saber científico?

O homem — comprova-se pela História — nunca se contentou com o saber vulgar. Sempre colimou conhecer com mais segurança e objetividade, fugindo às impressões imediatas e às aparências superficiais. A Ciência nasce aí, desse desejo de compreensão total da realidade, para se poder atuar mais eficazmente sobre a natureza, dominando-a. Construída pelo homem e para o homem, ela evidencia a superação crescente da credulidade e do dogmatismo, como busca de um saber melhor para um poder maior. Aliás, essa necessidade irrefreável de crescer e conquistar vemos-la já consagrada em documentos antiquíssimos, como a Bíblia ("Dominai a terra", Gn 1,28) e a literatura grega ("Prometeu acorrentado", de Ésquilo).

Podemos, pois, concluir, pela simples conceituação do conhecimento científico, quanto ele é válido e importante, diferindo meridianamente

do saber comum e superando-o de longe, pela primazia que dá à verdade sobre a utilidade, à qualidade sobre a quantidade, à objetividade sobre a subjetividade, ao sistemático sobre o fragmentário, à previsão e ao planejamento sobre o improvisado e o circunstancial. Não nos embalem, porém, os merecidos elogios à Ciência, a ponto de confundirmos o primado do objetivo — característico essencial dela — com o imperialismo do pessoal. Nesse caso, notou bem Le Senne, "a objetividade poderá tornar-se um pretexto perigoso para tratar o homem como um objeto. Sob cem formas esta parcialidade, que se chama a si própria imparcialidade, vicia o pensamento e a sociedade contemporânea. Em lugar do eu... colocam-se condições, hábitos, aptidões, e assim por diante. É suprimir a intimidade do eu, substituindo-o pelo concurso, mais ou menos fortuito, de condições extrínsecas pelas quais se o supõe fabricado. O cientista chega facilmente à conclusão de que sem ele a natureza seria imperfeita; daí a concluir que ele deve fazer o homem para fazê-lo feliz e justo, a transição é fácil. Mas com a convicção de que o homem deve ser fabricado, se fazem imediatamente tiranos e escravos" (*Introdução à Filosofía*, Porto Alegre, Editora Globo, 1965, p. 208).

SABER FILOSÓFICO

Experiência complexa viver no mundo! O mais iletrado dos homens transcende uma vez ou muitas as coisas circundantes, formulando mentalmente perguntas a ele próprio surpreendentes. Por outro lado, o maior dos cientistas e o mais agudo dos sábios jamais poderão prescindir dos dados mais rudimentares da realidade. Para todos os homens essa experiência complexa é sensorial (senão científica, pelo menos vulgar), é estética (certo contato e expressão do inefável, por símbolos e imagens, intuindo mais que recorrendo), é mística (percepção do Sagrado, do Outro absoluto), é metafísica (reflexão para além do conteúdo físico daquilo que nos rodeia).

Nasce aí o saber filosófico, dessa "admiração" (cf. Aristóteles, *Metafísica* I 2, 8 e 11), desse "assombro" (cf. Platão, *Banquete* 204; *Teeteto* X, 155 D), dessa experiência metafísica que engloba as demais. A "surpresa de ser" — idéia retomada fecundamente por Heidegger no século passado — é que

põe para toda e qualquer pessoa, um dia ou outro, perguntas como: Quem somos nós? Onde viemos? Para onde vamos? Que é tudo isso que nos cerca no mundo? Qual o meu lugar no universo? O que me distingue de tudo o mais, se há tanta coisa que me identifica com os outros seres? A existência humana é absurda ou tem sentido? Por que vivo? Por que morro? Por que estou aqui e não em outro planeta? Por que viver esta vida que não pedi para viver? Qual o termo desta minha viagem?

Essa necessidade de vasculhar justificativa racional para as coisas e acontecimentos leva o ser humano ao ato de ponderar ou pesar idéias, todas as que lhe brotam na mente, bem como aquilo que o verbo "pensar" significava originariamente: pendurar algo na balança para lhe tomar o peso real.

Passa-se desta maneira da consciência ingênua para a consciência refletida sobre o problema fundamental do Ser. É o saber filosófico re-pontando. É a vontade de ir a fundo, de perscrutar tudo. Porque filosofar é interrogar sempre. Penosamente. Gratuitamente. Na procura de tudo e do todo.

Verdade que muitas respostas podem ser colhidas no campo empírico ou nas Ciências Humanas. Mas permanecerá sempre a questão: O que significam os ensinamentos dessas ciências? Os desenvolvimentos técnicos a que chegam e as suas propostas de intervenção serão válidas? Ingressa-se destarte na filosofia das ciências, reflexão crítica que não se satisfaz com o saber especializado e muito menos com o enciclopédico, porquanto se pode passar a vida inteira progredindo nos domínios de uma ciência particular sem jamais atingir o fim. Somente a Filosofia, sem deixar de respeitar os dados imediatos da realidade, pode descer às causas mais fundas dos fenômenos humanos, não precisamente por preocupação de progresso, ou seja, de passo à frente e sim de passo cada vez mais firme e seguro, porque, bem o exprimiu Heidegger, "a Filosofia pisa sempre no mesmo lugar para pensar sempre o mesmo" (*Sobre o Humanismo*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, p. 57).

Para muitos esse tipo de saber absolutamente não interessa. Representaria a ocupação mais sofisticada dos desocupados ou pernicioso luxo mental, senão a patologia mesma da razão desorientada.

Mas a verdade é que a Filosofia vem atravessando os séculos, com um campo de reflexão hoje bem mais amplo, sem sinal algum de morte ou decrepitude. Por extenso e objetivo que seja o saber científico, perguntas

essenciais desafiam permanentemente a humanidade, sem que a Ciência sozinha lhes ofereça resposta cabal.

Legítima-se, pois, a Filosofia pela dupla necessidade, inerente a todo homem, de saber e de amar, de verdade e de felicidade. Aliás, é o que o próprio termo "filosofia" (em grego: *filein*, "amar"; *sophia*, "sabedoria") quer dizer: para se chegar à sabedoria cumpre amá-la (*filosofia*); para amar é preciso conhecer (*filosofia*).

Pelo visto, já se sabe que Filosofia é ciência que estuda as últimas causas de tudo. Enquanto a Ciência se concentra no conhecimento objetivo das coisas em si mesmas, a Filosofia procura desvendar as raízes dessa realidade, penetrando no mais íntimo dela, investigando-lhe o sentido, a finalidade, o valor. Estuda o ser enquanto ser. Trata-se, por conseguinte, de uma ciência universal — sem absorver nenhuma —, radical — busca os fundamentos de tudo —, distinta de todas as outras, seja pelo seu método (reflexivo, analítico, metaempírico), seja pelo seu ângulo de análise (a explicação última das coisas).

Resta, porém, lembrar que a pesquisa das últimas causas não significa que a Filosofia resolva todas as questões com toda certeza. A certos problemas o filósofo apenas propõe soluções prováveis. E deve fazê-lo convictamente, se quiser ser verdadeiro "filósofo", segundo a inspiração de Pitágoras, tido como pai do vocábulo. Combatendo os que se dizem "sábios" — os sofistas —, ele com desambição se chamava a si mesmo de "amigo da sabedoria" (filósofo), pois, lembrava, sábios só os deuses o são...

REFLEXÕES SOBRE RELIGIÃO, ARTE E TÉCNICA

Analisados os três níveis gerais do saber humano, detenhamo-nos agora em outros três, de caráter especializado, também de primeira plana para o estudo e compreensão das Ciências Humanas: o saber religioso, o saber artístico e o saber técnico.

RELIGIÃO

Ciência, Filosofia e Religião facilmente se relacionam. Buscando autocompreender-se e auto-realizar-se, o homem vê na Ciência um caminho aberto. Para prolongá-lo até as últimas explicações, pode lançar mão

da Filosofia. Mas esse caminho parece não se concluir nunca se não se procura a luz da Religião. Como disse Max Scheler, em frase-fecho do seu *Mensch und Geschichte*, "todo saber em última análise tem por objeto e por fim a divindade".

Não basta explicar o mistério da existência em termos puramente racionais. O homem histórico revela anseios por uma força superior, por um ser maior que ele — tremendo e fascinante — um Outro absoluto que lhe globalize todas as aspirações mais profundas.

Ademais, além de todos os tesouros culturais promovidos, ao longo dos séculos, pela Religião (veja-se, por exemplo, quanta afinidade aproxima obras de arte e crenças), é bom lembrar que a Religião não versa problemas teóricos, desligados da existência, mas questões irrecusáveis, como o problema de Deus, o sentido da vida, o bem total das pessoas, o inter-relacionamento humano etc.

Inúmeras as definições de Religião já apresentadas. Só um estudioso elencou 150! Esse cipoal de conceitos explica-se, de um lado, por razões subjetivas. Religião é um dado essencialmente pessoal. Ao tentar defini-la sempre se parte de uma realidade vivida, como a simpatia por este ou aquele credo, a aceitação de determinado sistema filosófico, a educação familiar na fé ou na descrença etc. Por outro lado, deve-se atentar também para o peso das dificuldades de ordem objetiva, como a complexidade do fenômeno religioso em si mesmo e nas suas variadíssimas concretizações históricas, as diferenças e contradições enormes acumuladas neste campo na sucessão dos séculos, as contrafações de toda espécie de um tema tão denso etc. Acresce ainda que a universalidade do fato religioso, longe de lhe simplificar a análise, torna ainda mais difícil sua compreensão, dado que no sagrado é o absoluto que se exprime, quer sob formas grosseiras, como as religiões de Estado, quer em modelos refinados, como nos espíritos místicos.

Não obstante tudo isso, caminhos há e bem sugestivos para se chegar a uma definição razoável de Religião. Tentemos alguns: o caminho etimológico, o caminho indutivo, o caminho dedutivo e o caminho fenomenológico.

Caminho etimológico: A palavra "religião" provém do latim "religione", sendo esta diferentemente entendida por três expoentes da cultura roma-

na. Cícero refere-a ao verbo "légere", isto é, ler. Daí "re-légere" e "re-ligere", ou seja, trazer de novo à mente, refletir, meditar sobre algo importante. Já Lactâncio deriva de "ligare", "re-ligare", religar, tornar a unir a criatura à divindade. Santo Agostinho, por sua vez, deduz "religione" de outro verbo bem mais rico, "re-elégere", tornar a escolher, reeleger, descrevendo assim o gesto penitencial do coração humano reequilibrando-se em Deus.

Estudando e resumindo essas três possíveis explicações, Santo Tomás de Aquino observa que o essencial é a relação com Deus afirmada nesse vocábulo.

Desnecessário, porém, dizer que essa definição etimológica é insuficiente, porque a origem de uma palavra pode ser uma e o seu significado hoje outro. E também seria mister estudar os termos equivalentes à "religione" em outras línguas antigas, como o hebraico, o grego, o germânico etc.

Caminho indutivo: Pode-se tentar situar o essencial da Religião recolhendo o mais significativo das manifestações religiosas pelos tempos afóra ou as características comuns às religiões de todos os quadrantes.

O problema, porém, é que, para coligir e selecionar esse material de escol, já se precisa partir de algum conceito — ou preconceito? — sobre Religião...

Caminho dedutivo: Outros autores querem definir a Religião tentando criar um sistema racional de noções que explique o fato religioso dentro do quadro geral da cultura humana.

Mas aí logo surge o perigo de apriorismo nessa posição. Chegar-se-ia a uma definição muito bem "construída", mas insuficiente, distante da realidade.

Caminho fenomenológico: A fenomenologia pretende ser a pura descrição do que se vê, tal qual a coisa é vista, antes e aquém de qualquer deformação subjetiva, idealista ou reflexiva. Assim, no caso do fenômeno religioso, cumpriria torná-lo tal qual ele se oferece à consciência, na sua intuição primeira, para defini-lo exatamente.

Mas não será exagerado esse ceticismo referente à reflexão sobre o fato religioso? Como não cair no subjetivismo, se se recusa o emprego da razão crítica?

Caminho proposto: O melhor talvez seja o caminho do realismo crítico, isto é, o aproveitamento conjunto de todas as propostas anteriores: explorar a carga histórica da palavra "religião" e similares; efetuar o levantamento mais completo possível dos dados da experiência religiosa; aprofundar a reflexão sobre a consciência religiosa; buscar a pura descrição do dado religioso em si mesmo, não o dado empírico, nem o conceito dele, mas o dado como tal, conhecido na sua intuição primordial.

Na prática, entretanto, prevalecem duas idéias corretas de Religião: subjetivamente, ela é a atitude pela qual a criatura humana se orienta para o Outro divino; objetivamente, o conjunto de noções, normas e ritos pelos quais nos ligamos a esse Outro.

Donde flui, porém, esse fenômeno religioso, encontrável em todos os tempos e lugares? Uma é a resposta dos crentes, outra ou outras a dos ateus e agnósticos. Vejamo-las sucintamente.

Deixando de lado ulteriores explanações, pode-se afirmar que os crentes vêem a origem do fato religioso no senso do Sagrado, inerente a todas as pessoas; nessa conatural abertura do homem para um ser infinito; nesse reconhecimento de um Outro maior que ele, imanente a ele e ao mesmo tempo infinitamente transcendente.

Confrontando-se com a própria finitude, confinado nas próprias limitações e sobretudo ameaçado pelo espectro do nada, o homem se percebe como ser não necessário, consequentemente inseguro e enigmático para si mesmo. Daí a necessidade de nos lançarmos à procura de uma realidade superior que nos sustente, algo, ou melhor, alguém radicalmente distinto de cada um de nós e do mundo e, ao mesmo tempo, intimamente atuante no fundo de nosso existir. Um Absoluto que nos envolve com a mesma força com que nos liberta — Deus.

Como expoentes do pensamento dos não crentes, consideremos agora Comte, Durkheim, Marx e Freud.

Segundo Comte, como os indivíduos, a humanidade passa, ao longo da História, por três estados: o estado teológico, em que tudo se explica por intermédio de forças sobrenaturais (fetichismo), ou de deuses (politeísmo), ou de um deus (monoteísmo); o estado metafísico, em que as coisas se justificam por meio de entidades abstratas, como causa, substância etc.; e finalmente, o estado positivo, em que se supera o conhe-

cimento abstrato e se procura observar os fatos e as suas leis. O estado teológico caracterizou a Antiguidade; o metafísico dominou a Idade Média; o positivo, os tempos modernos. Segundo o papa do Positivismo, pois, a Religião provém da fraqueza da mente infantil, sendo tolerável como fato transitório.

Que pensar disso? Prescindindo da contradição terrível vivida por Comte, fundador de uma nova religião na última fase de sua existência, é certo que o progresso da humanidade leva a uma purificação da idéia religiosa, mas não a exclui necessariamente. Notáveis cientistas há profundamente religiosos, como Pasteur, Curie, Marconi, Chardin e tantos outros. Einstein afirmava acreditar cada vez mais numa Inteligência Superior, como em pleno mundo politeísta Sócrates e Aristóteles já se inclinavam para o monoteísmo. E que seria do mundo hoje se só houvesse o cultivo das ciências exatas, sem nenhuma dimensão religiosa?

Para Durkheim, "a divindade não é outra coisa senão a sociedade transfigurada". A religião não poderia ser explicada nem teológica, nem psicológica, nem filosoficamente, mas apenas sociologicamente, porque fato social. Dada a coerção que a sociedade exerce naturalmente sobre seus membros, a Religião nada mais representa do que um tipo de coerção externa da sociedade sobre a consciência dos indivíduos.

Podem algumas formas religiosas confirmar a análise de Durkheim, mas ele, como ateu, esquece a diferença entre religiões naturais e religiões reveladas, como o Budismo, o Islamismo e o Cristianismo. Nem se pode aceitar como essencial à sociedade a simples pressão dela sobre os indivíduos. Olvida também o autor das *Formas elementares da vida religiosa* que muitos conseguem transcender seu meio social. Como explicaria ele o Islamismo sem Maomé e o Cristianismo sem Jesus?

Na explicação marxista, o proletariado está encerrado em um sistema econômico — o capitalismo, hoje — que o faz alienado, isto é, frustrado na sua esperança de ser gente, impedido de desabrochar como pessoa, sem poder e sem felicidade. Como desforra, apegando-se então a um Ser para além desta vida, entidade todo-poderosa e fonte de felicidade. A Religião, portanto, é a mistificação ativa e passiva dos oprimidos, "o ópio do povo" e a idéia de Deus nada mais que uma superestrutura das relações de produção.

Deve-se reconhecer que muitas vezes, ainda hoje, se instrumentaliza a Religião para narcotizar os que sofrem. Nem se pode sem mais eliminar toda relação entre situação econômica e estado religioso. Uma economia primitiva de colheita, de caça, de nomadismo facilmente se apegava a um politeísmo grosseiro, enquanto a uma economia mais desenvolvida pode corresponder um politeísmo mais cultivado (caso da Grécia antiga). Exagera-se, porém, ao afirmar relação de causalidade determinística entre economia e religião. Basta lembrar o rígido monoteísmo hebraico, nascido e mantido dentro de uma economia primitiva, de pastores nômades, numa mesma época em que o politeísmo pontificava no Egito, então muito mais evoluído econômica e culturalmente.

"Mas o problema essencial é outro. Aceitando o esquema marxista, a noção de Deus e a relação do homem com Deus rasgam perspectivas ilusórias, vazias de significação real. Não se compreende bem como é que um equívoco e uma mistificação tenham podido prevalecer universalmente e produzir sobre a face da terra tantas obras-primas de toda a espécie, bem como mobilizar a energia de massas inteiras e de indivíduos de gênio... (Ademais) os regimes comunistas, longe de negarem de fato a especificidade do sacro, tentam antes desviar e utilizar em seu proveito esse potencial de energia inerente à natureza humana, em geral" (Georges Gusdorf, *Tratado de Metafísica*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960, p. 483).

Para Freud, a Religião constitui fenômeno de sublimação sexual. Por causa do complexo de Édipo — revolta contra o pai — a idéia da divindade é simples projeção em ponto grande da imagem infantil do pai: "O deus pessoal não é outra coisa, psicologicamente, senão um pai transfigurado" (Freud, *The Standard Edition* 11, 123). Nessa revolta instintiva o indivíduo encontra uma fonte de arrependimento e de remorso e ao mesmo tempo, nas práticas religiosas, a solução (neurótica) dessa obsessão angustiante.

Certamente a Religião ajuda-nos a sublimar os instintos e a reprimir a sexualidade, como a Psicanálise pode também contribuir para a depuração religiosa. Mas sabe a evidente exagero querer reduzir à mera problemática sexual o amor a Deus de um crente sincero.

Se pululam formas patológicas de religião e motivações neuróticas na busca do divino, também florescem vivências religiosas marcadas de

liberdade, paz e equilíbrio, como o próprio Freud reconhece em certos casos (Paulo e Francisco de Assis, por exemplo). E por que negar a existência do Pai, se é possível, pouco a pouco, corrigir e "desinfantilar" sua imagem, tornando-a sempre mais conforme à realidade?

Finalmente, vale recordar aqui o testemunho de Jung, um dos maiores psicanalistas contemporâneos: "Entre todos os meus pacientes de mais de 35 anos, não há um sequer para quem o problema fundamental não seja a atitude religiosa. Em última análise, todos se tornaram doentes porque haviam perdido a força da crença religiosa. Nenhum sarou enquanto não se reencontrou religiosamente" (apud Pierre Dentin, *Religioni e Cristianesimo*, Roma, Apes, 1966, p. 11).

Conclusão: Atacada ou defendida, a Religião é historicamente um dos modos humanos mais usados no enfoque da realidade e no modo de reagir perante ela. O homem, só o homem, escreveu Hegel, é chamado à vida religiosa, porque só ele é dotado da faculdade de pensar. E nessa faculdade de pensar ele tende para o Absoluto. No fundo, todas as religiões históricas constituem o mais respeitável esforço da humanidade para penetrar o mistério de seu destino. É a expertise religiosa, tanto a imediata e acrítica (a da criança, por exemplo) como também a expertise reflexa do cientista, do filósofo e do teólogo, representa uma dimensão de todos os tempos, idades e culturas.

ARTE

Assim como a Filosofia reflete sobre o fenômeno religioso (Filosofia da Religião), ela também examina a Arte, por meio da Estética, estudando a experiência artística. Se a experiência religiosa proporciona determinado tipo de saber, igualmente quem "sente" a Arte sabe, conhece, vive a realidade de um modo peculiar. Por essa precisa razão queremos aqui caracterizar a Arte como uma forma especial de saber humano, mais de intuição do que de raciocínio feito.

Toda pessoa, um momento ou outro, intui o Belo. Essa experiência estética baseia-se primordialmente numa percepção sensorial e, ao mesmo tempo, emocional. Se capto algo com os sentidos e isso não me emociona, de duas uma: ou isso nada possui de belo, ou realmente não colhi essa beleza.

A experiência estética é também uma expressão, uma linguagem à parte e não mero conhecimento conceitual puro e simples. Inere a ela a dupla potencialidade de exprimir e sugerir. Exprime o inteligível no sensível. A matéria — tinta, mármore, palavras, sons... — concretiza idéias e sentimentos. Diz muito mais que uma foto. Mas ela também sugere, estimulando a sensibilidade e a imaginação. A 9ª Sinfonia de Beethoven, por exemplo, acorda em cada ouvinte um mundo prodigioso de imagens e sentimentos, enquanto o símbolo químico H_2O , por mais preciso e útil que seja, de si não transporta ninguém para a infinita beleza e variedade das águas do mar...

Enfim, a experiência estética é também ação. Como a alegria leva ao movimento — gestos mais amplos, saltos, dança... assim a experiência do Belo leva à Arte, como objetivação irremediável.

Podemos, pois, afirmar que Arte é criação ou expressão do Belo pelo homem, subentendendo-se que o mais lindo espetáculo natural não é Arte, mas Beleza.

A palavra "arte" vem do latim, onde significa jeito, habilidade prática, sentido esse ainda latente nos adjetivos derivados "inerte" e "solerte". Por isso, até o fim da Idade Média, falava-se dicotomicamente de artes servis (artes praticadas pelos servos) e de artes liberais ou belas artes, artes reputadas próprias do homem livre.

Estas eram as nove disciplinas do currículo elementar e médio: gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, astronomia, música, arquitetura e medicina. Aprendiam-nas os filhos dos homens livres. Cassiodoro (séc. VI), porém, informa que o adjetivo "liberais" vem de *liber*, "livre", esclarecendo que tais artes podem ser estudadas por qualquer pessoa, de qualquer nível social, desde que saiba ler.

Já no século XII, João de Salisbury salienta outra conotação: chamavam-se liberais essas artes porque aptas à libertação do espírito humano dos cuidados materiais, ou ainda, acrescente, porque os antigos cuidavam de nelas instruir os filhos (*liber-liberi*, "filho").

Tradicionalmente, as artes ainda se dividem em plásticas ou figurativas (arquitetura, escultura, pintura) e rítmicas (música, dança, literatura). Daí a denominação atual "sétima arte" atribuída ao Cinema, que engloba as seis anteriores.

Muitas as teorias explicativas da origem da Arte. Aqui acenaremos a algumas apenas.

Desde Aristóteles até hoje, há autores que entendem a Arte como imitação da realidade, representação objetivada do Belo natural.

Fazem-se, contudo, alguns reparos a essa tese. Primeiro, nem tudo é belo na natureza. Depois, não bastariam a máquina fotográfica e o gravador para imitar a natureza? Ou, com tais instrumentos, apenas se copiaria a natureza? Mas ficaria sempre uma questão particular, referente à música: em que sentido ela imita a realidade?

Autores antigos, como Plotino, e contemporâneos, como Jaspers, ocidentais como orientais, explicam a Arte como revelação, aspiração e comunhão com o Infinito. Como irremediável saudade do ser humano pelo outro mundo donde veio e que ele tenta exprimir pela metáfora, pela imagem, pela alusão. Como um reencontro do Paraíso Perdido. Para eles o Belo é a assinatura de Deus na natureza e a Arte o caminho de identificação com Ele, porque Dele nasce, como cantava Dante: "Vostr'arte a Dio quasi è nipote".

Confunde-se com essa sentença a teoria da origem mágico-religiosa da Arte. As pinturas das cavernas seriam oferendas simbólicas aos deuses, sem excluir a aspiração por uma caça bem-sucedida. Da devoção religiosa brotaram também a música, a poesia, o drama e a dança.

Para outros o nascedouro da Arte localiza-se simplesmente na inata necessidade de ornamentação, nesse impulso instintivo do homem de todos os tempos para se enfeitar, para se pintar, para se agradar a si próprio e aos outros, para provocar gostosa admiração, intensificando eventualmente a própria atração sexual e até mesmo sobrepujar assim os demais membros da comunidade.

Mas como explicar por essa teoria aquelas composições livres, em que a ornamentação deixa de ser o objetivo determinante, como desejos, pinturas e esculturas inspiradas na natureza?

Atualizando o pensamento de Tomás de Aquino, propõe Maritain a teoria da Arte como intuição criadora do intelecto prático. A inteligência, pondera ele, tanto se orienta para a idéia como para a ação. Neste segundo caso, chama-se intelecto prático. Este, por sua vez, tanto se ocupa com o agir — o problema moral — como com o fazer —

problema prático. E o fazer ainda pode ser: fazer coisas úteis ou fazer obras de arte. Útil é o objeto que serve para alguma coisa: o machado, o garfo, a casa etc. Não tem fim em si mesmo. A obra de arte, ao contrário, tem fim em si mesma, não servindo para coisa alguma fora dela. É apenas expressão do Belo. Com sua inteligência (prática), fantasia e sensibilidade, o artista chega a ter uma intuição profunda, des preocupada dos interesses pragmáticos da vida e cria.

Finalmente, cumpre lembrar a teoria da criação pura, segundo a qual o homem simplesmente cria a obra de arte por uma necessidade íntima de se exprimir, por um transbordamento de algo sentido e vivido dentro de si próprio e que ele não pode nem reprimir sem mais nem externar sem Arte.

Qualquer que seja, porém, a origem da Arte, a verdade é que ninguém a despreza em si mesma. Tenham-na alguns por ocupação inferior, passatempo de desocupados, hobby de excêntricos ou superdotados. Do seu valor pedagógico, histórico, social, ético, religioso, testemunhos inúmeros se poderiam alinhar, a começar do antiquíssimo mito de Orfeu, o lendário aedo dos tempos pré-homéricos, por meio de quem se consagra a Arte como educadora dos povos. Missionário da civilização, valeu-se Orfeu da música para fazer os trácios abandonarem seus hábitos selvagens. Ouvindo-o tocar a cítara, as feras se amansavam, os pássaros paralisavam nos ares, as árvores dançavam, os rios suspendiam seu curso, as rochas se aproximavam e os próprios implacáveis deuses infernais se propunham a devolver-lhe a idolatrada Eurídice.

Inegavelmente, poucos valores refletem tão bem como a Arte as condições materiais e espirituais de um povo ou de uma civilização. Telas, catedrais, sinfonias, poemas... tudo são expressões privilegiadas da cultura humana. Sente-o o homem da rua. Explicam-no os grandes espíritos.

Platão, embora na "República" inculpe a poesia de regar nossa existência de concupiscência e cólera, de desejo e dor, fazendo-a florescer quando deveria morrer de sede, não deixa de recomendar, no mesmo diálogo, para o ensino elementar, música, literatura e dança. Os próprios soldados, cuja virtude característica, adverte ele, deve ser a fortaleza, precisariam buscar apoio na música.

Sabe-se também como Aristóteles sublinha o valor catártico, isto é, liberador da Arte, porque permite a expressão simbólica de emoções e conflitos interiores. Dá-lhes válvula de escape, elevando-os a um nível superior. Participando de uma representação dramática, ensinava, os espectadores como que se descarregam e se purificam moralmente.

Em outro contexto, Tomás de Aquino observava que ninguém pode viver muito tempo sem algum prazer e, onde faltarem prazeres espirituais, irromperão vícios (II-II, q. 35, ad 4).

Nesse mesmo admirável e fecundo século XIII, palpitou um gênio consumado de bondade e sensibilidade artística — Francisco de Assis. Sua vida entretendeu-se toda de experiências místicas e poéticas. Pela atividade criadora e transformante da Arte, sentia-se livre e partícipe da atividade absolutamente livre do Criador — "Altissimu, onnipotente, bon signore" —, divisando-o realmente em todas as criaturas, de um modo estonteantemente belo, sem jamais cair na adoração romântica da natureza. O mais artista dos santos. O mais santo dos artistas.

TÉCNICA

Se pela Arte o ser humano se exprime, pela Técnica ele se prolonga e se multiplica. Essa verdade de sempre cresce de ponto nos nossos tempos, quando todos vivemos num mundo técnico. Hoje apresentar alguém como "técnico em..." significa, em geral, lisonjeá-lo. Assentou-se que ser "técnico" é possuir um saber especializado. Vejamos, pois, no que consiste ele.

Na prática, usam-se muitas vezes Arte e Técnica como sinônimos e realmente uma significava em grego (*techné*) o que a outra queria dizer em latim. Hoje, porém, elas se distinguem e bastante. Enquanto o objetivo da Ciência é conhecer e o da Arte é fazer o Belo, o da Técnica é produzir.

Na Arte predomina o espontaneísmo do artista. Rasga-se-lhe ilimitada faixa de liberdade criadora. Na Técnica prepondera o método, a eficácia, o rigor operacional.

Não se esqueça, contudo, que na Arte também entra a Técnica. E isso sob dois aspectos, pelo menos: primeiro, como notou Heidegger (*Die*

Frage nach der Technik, 1953), Arte e Técnica são ambas formas de revelação do oculto, da verdade, com a diferença que a Técnica moderna já não é propriamente uma criação, mas uma intimação à natureza para que libere parte de suas capacidades; e, em segundo lugar, porque, para executar uma idéia, o artista tem de seguir determinada técnica. Pode-se até afirmar que a Técnica funciona como parte material da Arte.

Definindo-se a Técnica como toda aplicação sistemática e metódica das conclusões da Ciência, conclui-se logicamente que ela supõe um saber científico (ao menos em quem a idealizou) e um trabalho rigorosamente metódico.

Em retrospectiva histórica, pode-se falar na técnica do *Homo faber*, desde que o homem se alçou acima da pura animalidade, desde que aprendeu a lidar com pedras no paleolítico, afiando rochas por meio de outras mais duras, fazendo daí surgir o machado, a faca, a ponta de flecha, a lança, a broca etc. Saindo das cavernas, na época neolítica, o homem se apossa de novas técnicas: constrói abrigos, cultiva campos, domestica animais. Aparecem os potes de barro cozido, o enxadão, a mó. Prática-se a fiação. Surge, enfim, a forja, condensação de diferentes técnicas, onde entram o ar, o fogo, a água etc.

Com esses rudimentares recursos técnicos a humanidade atravessou muitos séculos, mas obras existem até hoje, muito antigas e valiosíssimas, realizadas com técnica aprimorada, como a Pirâmide de Quéops (2600 a.C.) e o Partenão de Atenas (séc. V a.C.).

Em sentido estrito, a Técnica apareceu mesmo quando o homem passou da simples ferramenta e do simples utensílio para a máquina, no fim do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor. Até então só se empregava a energia natural — a força humana, a força animal, os ventos, a água... Naquela altura, aparece o motor de energia térmica; depois, o de energia elétrica e, finalmente, neste século, o de energia atômica.

Vivendo atualmente a civilização da máquina (de produção, de transporte, de comunicação, de utilidade doméstica, de recreação), mecanizaram-se por inteiro o trabalho e o próprio lazer. Milhões de pessoas atravessam a existência supervisionando ou servindo máquinas, atrofiados na sua criatividade, reduzidos a apêndices delas.

Torna-se dia a dia mais raro o meio exclusivamente natural onde, entre o homem e os elementos da natureza (animais, plantas, terra, água, vento...) nada parece se interpor. Desfaz-se rapidamente aquele mundo rural e artesanal, mergulhado num tempo sem precisão cronométrica, sem afobamentos, onde a máxima velocidade se contava pelo galope de um cavalo. Campeia agora o meio técnico, patenteado pela produção em massa, consumo de massa, meios de massa, cultura de massa.

Surgiu assim a Tecnologia — estudo ou conjunto dos processos técnicos. E em muitas partes do mundo, vai nascendo também e se impondo, irresistível, a Tecnocracia — sistema de organização político-social, em que o poder se concentra nas mãos de cientistas e técnicos, tanto mais poderosos e afoitos quanto mais decepcionam os desacertos administrativos da classe política. E como facilmente se iludem tantos endeusados tecnocratas, perniciosamente convencidos de que os fenômenos humanos obedecem a rígidos determinismos!

Mas qual a raiz histórico-filosófica da Técnica?

Antes de mais nada, cumpre frisar, mantida a observação anterior de Heidegger, a pressão bio-psicológica das necessidades vitais da pessoa. O animal nasce pronto, imerso no mundo, como simples parte ou elemento dele. O homem não. Existe no mundo como sua parte também, mas transcendendo-o, como ser sempre inacabado, aberto para o mundo e, ao mesmo tempo, por ele provocado, num repto de contínua e fecunda dialeticidade. A realidade desafia o homem, acendendo-lhe como uma "inveja biológica" (Julian Marias, *Antropologia Metafísica*, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1971, p. 129), em face de muitos animais dotados de mais força física, capazes de voar ou de viver no fundo do mar. Seu estado natural não o satisfaz. Passando do simples uso de seus membros para os utensílios e destes para a máquina, ele objetiva melhor seus desejos. Com a máquina poderá até transformar esse mundo que, tal qual é, não lhe sacia todos os apetites e esperanças.

Mas esses anseios conaturais ao homem não se concretizariam sem o saber científico prévio. A Técnica, portanto, é produto também da Ciência. Um foguete teleguiado supõe todo um exército de cientistas: matemáticos, engenheiros, químicos, astrônomos etc.

"Campo ilimitado aberto ao esforço humano" (Jaspers), qualquer pessoa sabe hoje do valor e das benemerências enormes da Técnica. Todos, porém, nos espantamos também com as possibilidades praticamente imprevisíveis do seu uso: armas nucleares, processos de massificação, robotização humana etc. Impossível, porém, e ingênuo excomungar a Técnica da sociedade humana. A verdadeira questão seria antes atentar para a significação da Técnica em si mesma, como realidade ambivalente. "Pode a máquina responder a todas as perguntas, mas não formula nenhuma" (Einstein). Tanto ela pode ser dominada pelo homem e para o homem, como também pode tiranicamente engendrar um mundo que, "em última instância, só vai desembocar no desespero" (Gabriel Marcel, *Les Hommes contre l'Humain*, Paris, La Colombe, 1951, p. 72).

Autêntico valor, ligado intimamente ao desenvolvimento humano, agente de transformação cósmica, a Técnica em si mesma tudo contém para testemunhar e estimular o avanço do ser humano sobre o simples animal. Nela nada reside intrinsecamente nocivo à liberdade humana.

Pelo contrário, ela poderá constituir a maior força de libertação de nosso tempo, aumentando a comunicação inter-humana, fazendo desaparecer o analfabetismo, proporcionando menos tempo de trabalho e mais lazer, transformando as massas rurais em autênticas sociedades humanas etc.

Perante ela, inútil perder-nos em críticas e sarcasmos, à moda das antiutopias de Huxley e Orwell. Melhor aceitar e enfrentar a existência sob tensão de um mundo com ela, que pretender detê-la ou desfigurá-la com falsas pretensões de espiritualismo do homem ou de espiritualização dela. O único humanismo hoje cabível é o humanismo técnico, isto é, um humanismo com a Técnica. Não sem ela. Nem contra ela. Nem apesar dela.

3

GRANDES PROBLEMAS FILOSÓFICOS

Para se penetrar com segurança no mundo intrincado das Ciências Humanas, importa conhecer e compreender de antemão certas questões fundamentais, que sempre espicacaram a mente humana. A partir de dados os mais triviais, topa a razão com problemas inevitáveis, que inutilmente se pretende subestimar.

Desses problemas de base analisaremos apenas três: o problema do ser (problema ontológico), o problema do conhecimento (problema crítico) e o problema do valor (problema axiológico).

O PROBLEMA DO SER

Por definição tradicional, Filosofia é ciência que procura ir às últimas causas de tudo. Mas o que significa "tudo"? Responde-se desenvolvendo: todas as coisas, todos os seres. Ficam, porém, as questões: Mas o que é um ser? E o que é o ser?

A interrogação não é supérflua nem bizantina, porque a todo momento estamos às voltas com essa realidade. Cada um de nós tem total certeza de que é um ser (humano), circundado de milhares de outros. O verbo mais usado e latente em todos os outros é "ser". Quando estudamos gramática, deparamos com definições como estas: "Substantivo é a palavra pela qual nomeamos os seres"; "predicativo do sujeito é o termo que exprime um estado ou modo de ser do sujeito"; "a flexão do gênero consiste na alteração da terminação das palavras a fim de indicar o sexo dos seres vivos e, convencionalmente, o sexo dos seres inanimados"...